

Lima Barreto e Dostoiévski: Aproximações Entre Dois Dissonantes

Prof. Dr. André Dias¹ (UFF)

Resumo:

O presente trabalho analisa – com a sustentação teórica fornecida pelas ideias da Análise do Discurso bakhtiniana – as obras, Diário do Hospício, de Lima Barreto e Memórias do Subsolo, de Dostoiévski. Nele busca-se avaliar como as narrativas desenvolvidas por esses escritores constroem uma crítica contundente aos valores hegemônicos presentes em suas respectivas sociedades. Ao mesmo tempo, o estudo defende que os dois escritores se converteram em grandes intérpretes do espírito de suas épocas. Apesar das distâncias histórica e cultural, pode-se dizer que há entre os discursos de Lima Barreto e Dostoiévski uma aproximação intelectual e artística. Tal aproximação se dá pelo fato de os escritores efetuarem uma “radiografia” apurada dos tipos humanos social e historicamente definidos, conseguindo apresentar um apanhado significativo das grandezas e misérias de homens e mulheres de seus tempos e culturas.

Palavras-chave: Lima Barreto, Dostoiévski e Análise do Discurso.

1 Introdução

Isso de criar pensamentos novos é sempre tarefa muito delicada [...] e conheço o caso de dois sujeitos que, à força de quererem criar pensamentos novos, acabaram, um no manicômio, e o outro nas estepes da Sibéria... (CARVALHO, 2005, p. 146).

O aspecto provisório dos discursos pode gerar, por um lado, certo desalento pelo fato de expor a ilusão da perenidade das coisas humanas, por outro, no entanto, ele nos ajuda a compreender melhor a condição precária de tudo. Ou seja, como a própria existência está sempre por um fio, só nos resta viver imbuídos do desejo de tentar atribuir algum sentido a ela. Por isso, creio eu, dormimos, acordamos, nos vestimos, amamos, comemos, trabalhamos, lemos, escrevemos, vamos ao teatro, ao cinema, aos museus, aos concertos, enfim, tentamos imprimir algum sentido mais profundo ao mundo, ao mesmo tempo em que ele nos lega suas marcas, durante a brevidade de nossas existências.

A partir da perspectiva apresentada, podemos compreender a existência como uma busca incessante de atribuir sentido às coisas. Sendo assim, este trabalho busca construir significações para os discursos dos autores que, através de suas obras, se converteram em grandes intérpretes do espírito de suas épocas. Lima Barreto e Dostoiévski colocaram toda sua capacidade intelectual e artística a serviço da elaboração de um pensamento crítico independente e desmistificador das verdades, supostamente, incontestáveis existentes em suas respectivas sociedades. Por isso, enveredar pelo universo narrativo criado pelos escritores, se converteu, a um só tempo, em motivo de desafio e satisfação. Desafio, por conta de me sentir provocado pelo legado desses dois grandes artistas.

Satisfação, pela oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre duas realidades literárias tão ricas e muito mais próximas do que eu poderia supor antes do início deste trabalho.

A referida aproximação se manifesta, por exemplo, quando lemos suas obras e constatamos que, independente da temática desenvolvida em cada uma delas, um sentimento comum às suas personagens centrais irá se manifestar de maneira indiscutível. Todas, em maior ou menor escala, se sentem inadequadas ao mundo que as rodeiam. Em decorrência disso, afloram sensações de desamparo e de grande desconfiança em relação aos sistemas sociais ali abarcados. Os grandes romances de Lima Barreto e Dostoiévski captaram as contradições e os equívocos presentes no pensamento e nas ações dos setores hegemônicos das suas sociedades. Eles apresentaram ainda a distância abissal que separa a razão das classes dominantes da razão das classes menos favorecidas ou deserdadas da ordem oficial. Ao lermos tais obras somos estimulados a olhar o mundo a partir de uma outra perspectiva. Somos exortados a enxergar a vida, a partir do ponto de vista daqueles que vivem a beira do abismo social e existencial, dos humilhados e enganados. Estes, invariavelmente, são tratados como massa de manobra na mão de poderosos e arrogantes, que os usam como bucha de canhão, como máquinas sem desejo ou vontade própria, ao seu bel prazer. Encarar o mundo desse ponto de vista, sem dúvida, nos leva a compreender que a vida pode e precisa ser diferente do que tem sido até o momento presente.

Mesmo tendo vivido e produzido suas obras em momentos históricos e culturais distintos, podemos dizer que há entre os discursos de Lima Barreto e Dostoiévski – guardadas as devidas proporções – uma aproximação intelectual e artística. Tal aproximação se dá de modo específico pelo fato de ambos efetuarem uma “radiografia” detida e apurada dos tipos humanos social e historicamente definidos, conseguindo apresentar um apanhado bastante significativo dos anseios, dúvidas, dramas, paixões, grandezas e misérias de homens e mulheres de seus tempos e culturas.

2 Lima Barreto e o Engano da Modernidade

É relevante destacar que, Lima Barreto era um leitor atento e constante das obras de Dostoiévski. Não por acaso, encontramos pelo menos cinco referências explícitas ao pensamento, às narrativas e à vida do romancista russo ao longo, por exemplo, do *Diário do Hospício*. A primeira delas nos é apresentada pelo narrador, que destacava algumas semelhanças entre sua trajetória pessoal e a do autor russo:

Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. (BARRETO, 1956, p. 35).

A comparação apresentada permite entrever como a imagem de Dostoiévski era presente e servia de parâmetro à extensão das dores e dificuldades do autor de *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. Na medida em que o narrador projetado a partir da imagem de Lima Barreto comparava suas dores e privações com aquelas vividas pelo romancista russo, ele criava a consciência de que elas não eram apenas suas. Tratava-se de uma possibilidade na existência de todos os seres humanos. Além disso, a sequência da passagem indica também que ele buscava alento e esperança quando comparava seu destino ao de escritores da estatura de um Dostoiévski ou de um Cervantes.

A segunda referência a Dostoiévski presente no Diário do Hospício ocorre quando o narrador fala de sua passagem pela seção Calmeil, onde consegue ter acesso à biblioteca do setor. Ali, ele constatou que o acervo havia se deteriorado bastante desde a última vez em que estivera internado no Hospício Nacional de Alienados: “[...] sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! Não havia mais o Vapereau, Dicionários das Literaturas; **dous romances de Dostoiévski, creio que *Les Possédés, Les Humilliés et Offensés...***” (Grifo meu) (BARRETO, 1956, p. 43). Ao destacar a ausência dos romances do autor de *Memórias do Subsolo*, o narrador evidencia sua capacidade de percepção do espaço físico onde se encontrava, além de apresentar uma grande familiaridade com as obras do russo. A terceira referência acontece em um momento de reflexão do narrador sobre seus projetos e empreendimentos não realizados: “Sonhei Spinosa, mas não tive fôrça para realizar a vida dêle; **sonhei Dostoiévski, mas me faltou a sua névoa.**” (Grifo meu) (BARRETO, 1956, p. 81). Mais uma vez, o narrador lança mão de suas inspirações intelectuais. Porém, nesse caso específico ele assim o faz para constatar a dificuldade em alcançar os seus modelos desejados. Há mais uma alusão a Dostoiévski no capítulo VIII, quando é feita a retomada da questão da redução do acervo da biblioteca. A última referência acontece quando o narrador comenta sua antipatia por um paciente:

V. O. tem o riso algo parecido com o J. B. e algumas vêzes sublinha as frases com contrações da fisionomia e do canto dos lábios, e tem gestos parecidos com êle.
O riso é antipático. **Dostoiévski diz que se o riso de um desconhecido é agradável, êle é homem honesto.** (Grifo meu) O do V. O. é desagradável, soa como um chocalho de côco ou cabaça. (BARRETO, 1956, p. 112).

A passagem apresenta um uso bastante particular das palavras de Dostoiévski. Possivelmente, em um momento de casmurrice, o narrador compara a expressão facial e o sorriso de dois pacientes para justificar sua antipatia por um deles. Não satisfeito, tenta explicar melhor seu sentimento utilizando as formulações do romancista russo, tentando assim dar uma maior respeitabilidade ao que sente.

Dostoiévski, ao que tudo indica, exerceu uma influência muito importante na formação literária e intelectual de Lima Barreto. Entretanto, a literatura de Lima Barreto também conseguiu penetrar no universo da cultura russa a partir dos anos de 1959 e 1961. Juntamente com outros escritores

brasileiros, o romancista foi publicado em terras russas, tendo sido considerado por lá um clássico da Literatura Brasileira.

Castro Alves é traduzido, na Rússia, pela primeira vez em 1958. [...] Em seguida vieram os romances de José Lins do Rego, Cangaceiros, e de Graciliano Ramos, Vidas Secas, editados respectivamente em 1959 e 1961. [...] Ainda naquele período foram traduzidos romances de Afonso Schimidt, Alina Pain e Maria Alice Barroso, e **lançada uma coletânea de contos de Machado de Assis, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Aníbal Machado. Em 1961 aparece O Cortiço, de Aluísio Azevedo e livros e autores considerados lá como nossos “clássicos”, como Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar e Lima Barreto.** (grifo meu) (BRASIL, 1982 p. 115).

O romancista e crítico literário Assis Brasil assinalou, em seu ensaio intitulado “Rússia e Brasil: Paralelo Cultural”, o momento exato em que as obras de Lima Barreto começaram a ser traduzidas e divulgadas na Rússia. O interesse russo pela Literatura Brasileira, além de se mostrar como uma importante ponte cultural entre os dois países, marca, de maneira especial, a trajetória do autor de Numa e a Ninfa. Trinta e sete anos após a sua morte, Lima Barreto conseguiu desembarcar, através de suas obras, na terra onde foi forjada uma das mentalidades artísticas mais impressionantes e profundas que a literatura de todos os tempos já produziu, a saber, Dostoiévski. Finalmente Lima Barreto e Dostoiévski, ainda que de maneira simbólica, se encontraram através da obra do escritor brasileiro e da recepção dos leitores russos. Essa ocasião pode ser encarada como o coroamento da trajetória literária de um escritor, que durante um longo tempo foi rejeitado por parte da *intelligentsia* brasileira, em particular aquela contemporânea a ele. Apesar da rejeição inicial, o tempo transcorrido, somado ao trabalho de alguns valorosos pesquisadores e as diversas gerações de leitores trataram de conduzir este grande escritor brasileiro ao lugar de destaque onde sempre mereceu estar.

Lima Barreto, com seu Diário do Hospício nos legou um discurso de denúncia ao engano presente nas concepções de modernidade e civilização propostas pelas classes dominantes do Brasil daquele distante início do século XX. Mesmo estando dentro do verdadeiro “Cemitério dos Vivos”, o romancista constatou a reprodução de muitos dos males que infestavam o Brasil da Primeira República. A segregação em nome da ordem social, o tráfico de influências, a corrupção, a soberba dos mais abastados, o desamparo dos mais pobres diante do poder oficial da instituição médica e a ação nefasta dos pequenos funcionários que representavam o Estado naquele local, como se representassem, exclusivamente, seus próprios interesses. Sobre esta questão específica, o historiador Caio Prado Júnior afirmou:

Ninguém como Lima Barreto sentiu e exprimiu tão bem até que ponto a política brasileira e os fatos máximos de sua vida são função daqueles pigmeus que formam a sua burocracia mesquinha onde se esterilizam todos os ideais. (PRADO JÚNIOR. In. BARRETO, 1997, 328).

De fato, em suas obras, Lima Barreto conseguiu demonstrar como os ideais no Brasil eram sufocados em nome de uma prática política acanalhada e medíocre. Entretanto, sem dúvida alguma, não podemos dizer o mesmo do romancista e de sua extensa obra produzida com tanto afinco e entrega durante sua vida tão breve.

Uma vida breve, mas cheia de som e fúria. Assim podemos resumir a trajetória de Afonso Henriques de Lima Barreto, ou, simplesmente Lima Barreto: mulato, pobre, jornalista e escritor, que encarnou perfeitamente as contradições sociais e históricas do seu tempo. Era intelectual, mas proveniente das camadas pobres da população; conhecia muito bem os códigos burgueses do Centro e de Botafogo, mas escrevia do subúrbio; transitava com desenvoltura pelos cafés e salões frequentados majoritariamente por brancos, mas era mulato. Além disso, os protagonistas de seus romances e contos eram, na maioria das vezes, os pequenos funcionários, os pobres, os feios, os esquecidos e desvalidos da sociedade, os quais tanta repulsa provocavam à bem nascida e perfumada elite brasileira. Aliás, contra essa elite que fez questão de tentar silenciar sua obra, é que Lima Barreto ousou erguer sua pena e sua voz definitivamente inconformadas.

3 Dostoiévski e os Riscos das Ideias Totalitaristas

Dostoiévski, com seu narrador-personagem absolutamente incômodo, chamou a atenção para os riscos inerentes da aceitação irrestrita do determinismo racional propagado através das ideias totalitárias. Com suas Memórias do Subsolo o escritor foi capaz de perceber claramente o caminho de violência e exceção que a sua Rússia começa a percorrer, insuflada pelo pensamento radical que se alastrava rapidamente entre a *intelligentsia* insatisfeita e desencantada da década de sessenta, em seu país. A configuração do homem do subsolo como um duplo do revolucionário Rakhmiétov, personagem do romance *O Que Fazer?*, de Tchernichévski, expõe toda a perspicácia de Dostoiévski ao polemizar com o líder radical. Ao confrontar o herói revolucionário do romance que havia se transformado no verdadeiro manual dos radicais russos, o escritor trouxe a público o perigo subjacente às doutrinas redentoras e ditatoriais.

Ao caminhar pelas Memórias do Subsolo, vale a pena levantar uma questão relevante. Um fato que, inicialmente, não geraria maiores repercussões despertou minha atenção. Ao longo da leitura da novela, somos impelidos a desbravar passo a passo o universo exterior em que nossa personagem habitou ou transitou: a repartição pública, as vias principais e as menos nobres, o restaurante, o bar sujo, o prostíbulo, enfim, seu recolhimento no subsolo que era a sua casa. Também passamos a conhecer seu universo mental atormentado pela clareza de suas ideias, a dor gerada por elas, o desencanto da excessiva lucidez e a desconfiança permanente com relação à ordem estabelecida e o mundo ao seu redor. Porém, há uma única coisa que em momento algum nos

é dado conhecer. Em nenhuma das páginas que compõem a narrativa, nem o narrador, nem nenhum outro personagem nos fornece uma informação simples, mas de grande importância, ninguém dentro ou fora da narrativa menciona o nome do homem do subsolo.

O que para alguns poderia parecer um mero detalhe “técnico”, um simples preciosismo, a meu ver, vai se revelar como algo emblemático. Sobretudo, quando levamos em consideração que o nome é um dos primeiros e mais importantes traços de distinção entre os indivíduos, algo que marca nossa identidade. O nome é o elemento que pode chegar antes de nós e também pode permanecer a despeito de nossa ausência. Desde que os seres humanos se constituíram como sujeitos sociais, um dos seus principais esforços tem sido o de perpetuar seu nome através das marcas deixadas ao longo do tempo. Invariavelmente propagamos que pessoas têm nome e não números, que a identidade do sujeito começa com seu nome e não com os números inscritos em sua cédula de identificação e que a cidadania tem início com o registro do nome e do sobrenome na certidão de nascimento.

Ao que parece, na novela, esta questão da identidade pode parecer apenas um detalhe sem grande importância. Uma vez que, passamos a conhecer tanto deste homem, chegamos mesmo a nos sentir íntimos dele, como se conversássemos diariamente à mesa de um café ou na noite insone de um botequim, o fato de saber seu nome não faria grande diferença. Entretanto, não encaro a questão desta maneira, a falta de um nome definido poderia, por exemplo, nos levar a supor que estamos diante de alguém que precisa esconder alguma coisa ou está entregue a própria sorte, fadado ao completo desaparecimento social. Contudo, também não acho que estas perspectivas respondam de forma satisfatória ao problema.

A ausência de um nome específico vai nos remeter para o caráter da identidade universal que o homem do subterrâneo adquire. O homem do subsolo, em maior ou menor escala, sou eu, é você, é ele, ela, todos nós com nossas camadas visíveis e a porção até aqui guardada, trancada, escondida, muitas vezes rejeitada, porém sempre vibrante. Por isso mesmo, pronta a irromper como a força das águas represadas que, inevitavelmente, seguirão seus cursos, tão logo abramos as páginas da narrativa e nos encontremos com as vozes que habitam o subsolo de nossa existência.

“Mas chega; não quero mais escrever ‘do subsolo’...” (DOSTOIÉVSKI, 1992, p.186). Com esta sentença a novela está praticamente encerrada e, nós leitores, saímos perplexos e com nossas certezas abaladas, depois de mergulharmos naquela que, certamente, está entre as obras mais provocadoras do escritor russo. A admiração provocada pela leitura proporcionou a renovação da convicção de que é na mudança, no inconformismo, na dúvida, no questionamento e na ação de sair do lugar convencionalmente selecionado para habitarmos, que surge a possibilidade da reafirmação do caráter humano existente em cada um de nós. Quando nos acomodamos em um espaço específico e restrito vivemos uma vida menor, mesmo que estejamos cercados de toda fartura

material, isso ainda não será suficiente para responder as nossas questões mais profundas, nem conseguirá nos fazer mais felizes ou pacificados com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor.

Conclusão

Com efeito, as questões abordadas tanto no Diário do Hospício, quanto em Memórias do Subsolo, são de uma atualidade impressionante. Elas já eram totalmente pertinentes no Brasil do início do século XX e também na Rússia do fim do século XIX. Hoje, mais do que nunca, se faz necessário desafinar o coro dos contentes. Para isso, é preciso nos indagar diariamente sobre a presença sorrateira do espírito totalitarista, que cada vez mais nos chega disfarçado, nesse estranho tempo, com os trejeitos supostamente democráticos. É preciso, ainda e mais uma vez, ouvir as vozes dissonantes de Lima Barreto e Dostoiévski para não esquecermos que as serpentes podem chocar seus ovos nos lugares mais inimagináveis.

Referências Bibliográficas

- 1] BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2003.
- 2] _____. *Problemas na Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra, Rio de Janeiro: 4ª ed., Forense Universitária, 2008.
- 3] _____. *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- 4] BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 7ª ed., 1988.
- 5] BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.
- 6] _____. *Obras Completas*. (Org.) Francisco de Assis Barbosa et alii. São Paulo: Brasiliense, 1956, vols. I – XVII.
- 7] _____. *Diário do Hospício e o Cemitério dos Vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- 8] _____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma: Edição Crítica*. (Org.) Antônio Houaiss & Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Madri; Paris, México, Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José da Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997. Coleção Arquivos: 1ª ed.; vol 30.
- 9] BRASIL, Assis. *A Técnica da Ficção Moderna*. Rio de Janeiro: Nórdica; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.
- 10] CARVALHO, Walter Campos de. *Obra Reunida*. 4ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005.

- 11] DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Memórias do Subsolo. Trad: Boris Schnaiderman, 5ªed., São Paulo: Editora 34, 2007.

i Prof. Dr. André DIAS.
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Departamento de Didática do IEAR
E-mail: andredias@id.uff.br